

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

9 PESCA



9.1 GENERALIDADES

O seu equipamento de emergência deve conter: anzóis linha para a pesca. Como isca use insetos, mariscos, minhocas ou carne.

Procure descobrir o **que comem os peixes** nesta ou naquela área. Iscas artificiais podem ser confeccionadas de **pedaços de pano de cores vivas**, penas de cores vivas ou de pequenos fragmentos de **metal brilhante**. Intercalando-se um pedaço de arame entre o anzol e a linha de pescar, o peixe não poderá cortá-la. Se você não possuir anzóis, confeccione-os de pedaços de arame ou alfinetes que prendem distintivos à roupa.

Também poderá confeccioná-los de madeira dura. (Fig 9a).

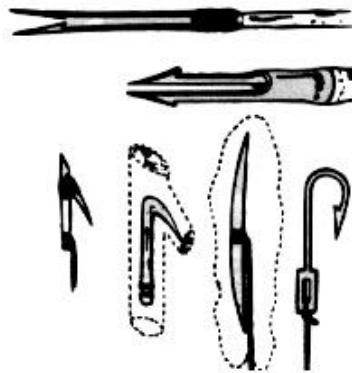


Fig 9a
Confeções de anzóis e arpão

Você poderá confeccionar uma linha de pescar, tecendo uma linha com fios tirados de um pedaço de fazenda ou outro tecido qualquer, ou mesmo de uma planta adequada. Se o peixe não mostrar interesse pela isca, procure fisgá-lo com uma vara delgada e pontiaguda: como fazem os índios, ou agarra-os com o próprio anzol, montado como **garatéia de 3 anzóis**, “engachando-os” quando nadarem próximo ao ponto onde você se acha.

Uma rede de pesca é melhor e mais eficiente do que uma linha. Se possuir uma rede (do tipo para pesca em água rasa) dessas em que a corda de uma das bordas é suspensa por flutuantes e a outra borda é feita para afundar por meio de pesos (rede de guelras, porque os peixes ficam presos, à mesma, pelas guelras), use essa rede em águas absolutamente calmas, de lagos ou de correntes mansas. Como flutuantes podem ser usados pedaços de madeira e para pesos, pedras. A “rede de guelras” deve ser colocada em sentido “normal” (“atravessado”) ao da margem. Algumas vezes ficam presos a esta rede pássaros que mergulham em busca dos peixes seguros na rede. (Fig 9b).



Fig 9b
Rede de guelras

Na água doce, o melhor lugar para pescar é o poço onde há maior profundidade. Nas correntes pouco profundas, os melhores pontos para pescaria são os poços (naturais) ao pé das cachoeiras, no final das corredeiras ou detrás dos grandes rochedos. A melhor hora para pescar é, de ordinário, de manhã bem cedo ou de noite. Por vezes, é preferível pescar à noite, especialmente se você dispõe de uma lanterna (ou luz) para atrair os peixes. Às vezes, pode-se matar os peixes com as costas de um facão. Também podem ser fígados com uma vara pontiaguda. Antes de desistir da pescaria, procure pescar em todas as águas (profundas e rasas, rápidas, vagarosas, estacionárias) e em todas as horas e com todos os tipos de isca. Na pesca, temos umas poucas regras de segurança a observar. Pesque quando a maré estiver baixando ou quando mais baixa (o baixamar); tenha cuidado quando estiver próximo (ou sobre) as rochas de superfície escorregadia; mantenha-se afastado da arrebentação.



Camarões e lagostins (camarões grandes) vivem sobre o fundo do mar ou perto do fundo, mas podem ser atraídos por uma luz, para a superfície. Pesque-os com uma rede de mão (rede pequena, facilmente manejável), pode ser feita de tecido de pára-quadras. As lagostas e os caranguejos e crustáceos de água doce, em geral, são formas de fauna aquática que se arrastam pelo fundo, à profundidades que variam entre 3 e 10 metros.

Para pescar estes animais, que o puçá, o anzol tipo “garatéia” ou um anzol comum, com isca, e retire d’água a presa apanhada, por meio de uma rede de mergulhar (que se mete n’água por debaixo da presa). Os caranguejos caminham pelo chão ou pelo fundo, trepam pelas inclinações e fazem covas na areia ou no lodo; são fáceis de pegar, em água rasa, por meio de um puçá ou jereré ou armadilhas tendo como isca cabeça de peixe ou miúdos de um animal qualquer.

As armadilhas com forma de barreira e de “gaiola” são muito úteis para a pescaria em água salgada ou doce, especialmente dos peixes que se deslocam em cardumes. (Fig 9c e 9d).



Fig 9c
Barreira

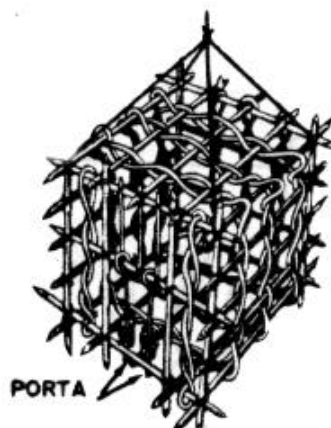


Fig 9d
Gaiola

Nos lagos e nas correntes caudalosas, os peixes tendem a aproximar-se das margens e das áreas rasas, pela manhã e à tarde. Os peixes do mar, deslocam-se em grandes cardumes, costumam aproximar-se da costa quando a maré enche, com freqüência nadando paralelamente à costa guiados pelos obstáculos que encontram n’água.

A armadilha para peixes nada mais é, basicamente, do que um cercado (uma cerca), comumente denominado de “curral-de-peixes”, e ainda - cercada. A entrada do “curral”, larga a princípio, vai estreitando para dentro do curral, como um funil (Fig 9e).



Fig 9e
Curral-de-peixes

O tempo e o esforço que você despende na construção de um desses currais, mesmo que pequeno, deverão depender da série necessidade de arranjar alimento e também do período de tempo que você pensa permanecer no local em questão.

O local da cercada a ser construída deverá ser escolhido quando a maré estiver cheia (no preamar); a construção deverá ter lugar com a maré baixa (o baixamar). Uma ou duas horas deverão ser suficientes para

completar a cercada. Estude as possíveis vantagens que os acidentes naturais do local oferecem, e aproveite essas vantagens, a fim de economizar trabalho.

Nas costas rochosas, aproveite as poças de água do mar que a maré deixa nas rochas. Evite os pontos onde a água parece ferver, ao longo da linha de arrebentação. Nas costas arenosas aproveite as pequenas “lagoas” formadas pelas ondulações da faixa arenosa. A melhor pescaria próximo à praia, do lado do mar, é a praticada a sotavento (no lado contrário ao do vento) das línguas de areia.

Nas correntes pequenas e pouco profundas construa as suas armadilhas com estacas ou galhos de vegetação baixa, acumulados no fundo e retidos com pedras de modo a bloquear a corrente quase que completamente, com exceção de uma estreita abertura, formada com pedras ou galhos adequadamente dispostos e bem cerrados. Ande a vau, pela corrente, tangendo os peixes para o lado da armadilha (do “curral”). Agarre-os ou dê neles com um pau quando chegarem em água rasa. Quando o fundo da corrente é barrento (ou lamacento) agite o fundo com os pés até que a água fique turva. Os peixes praticamente nada enxergarão na água turva. Pegue-os, então, com uma rede.

Procure pequenas lagostas e caranguejos, caramujos e mariscos de água doce, sob rochedos, troncos e nas moitas de arbustos que se prendem sobre a corrente ou no fundo lodoso.

Nos currais bem construídos os peixes podem ser retidos durante vários dias, pois as águas que vêm ter ao curral lhes traz um alimento. Em muitos casos será preferível conservá-los vivo até que haja necessidade deles. E uma boa reserva, que se mantém sempre fresca.

Os baixios dos mangues são, freqüentemente, bons campos de pescaria. Na maré baixa, cachos de ostras acham-se expostos nos “joelhos” ou nos ramos mais baixos das árvores dos mangues, e também mariscos e mexilhões. Mariscos podem ser encontrados na lama, junto das árvores. Os caranguejos são muito ativos entre os ramos ou sobre raízes e também sobre o lodo. Os peixes podem ser aprisionados à maré alta; os caramujos (e caracóis) sobre o lodo ou agarrados às raízes. Não use como alimento mariscos ou mexilhões que não forem cobertos pelas águas, na maré alta ou os que pertencerem a colônias contendo membros doentes - o que facilmente se conhece pela aparência dos mesmos

9.2 COMO TRANSPORTAR O PEIXE DEPOIS DE LIMPO

Faça um invólucro (com o material que dispuser, observando as mínimas regras de arejamento), semelhante à seqüência da **Fig 9f** e coloque seus peixes já limpos do seguinte modo:

- disponho-os como nesta figura;
- dobre as extremidades para iniciar o invólucro;
- dobre novamente, no eixo (CD) da **fig. (b)**, a fim de fechá-lo;
- enrole-o não muito apertado, obtendo assim, uma espécie de embrulho cilíndrico. Depois de pronto, coloque-o no seu saco de viagem. Nas paradas noturnas, deixe seu invólucro ao relento. Quando em deslocamento diurno, nas suas breves paradas para descanso coloque-o na sombra para arejamento.

Em tais procedimentos, pendure-o em um galho de árvore, a fim de protegê-lo de animais depredatórios, cobrindo-o, em caso de chuva.

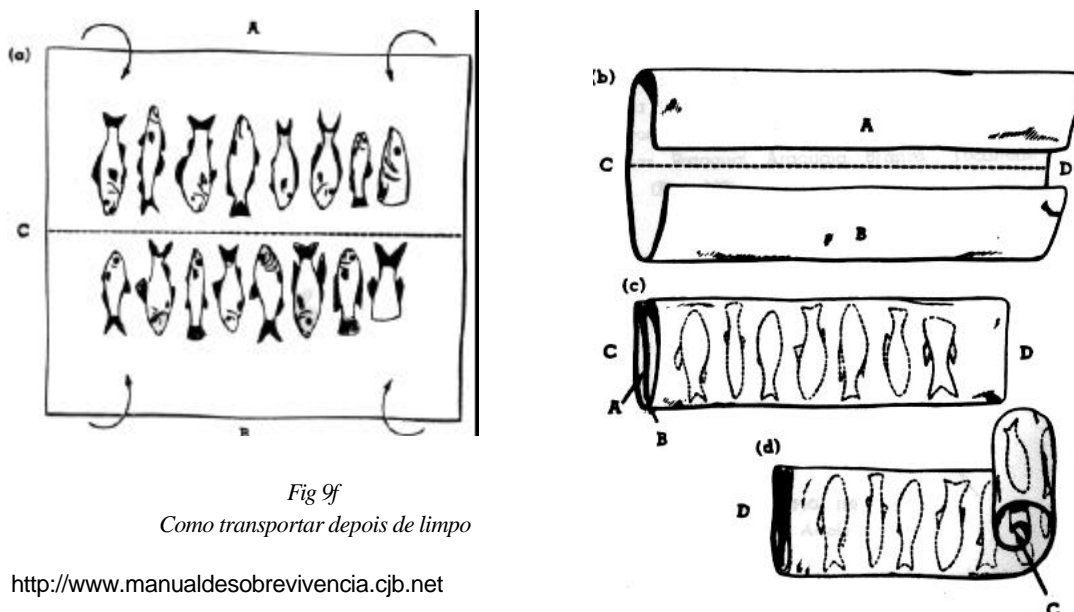


Fig 9f
Como transportar depois de limpo

9.3 OS PEIXES FLUVIAIS PERIGOSOS

Você será aqui orientado quanto à periculosidade de alguns peixes fluviais, no Território Nacional.

9.3.1 BAGRES E MANDIS

A arma desses peixes é constituída por três ferrões das nadadeiras peitorais e dorsais. Frequentemente, fazem uso desses agulhões e não há pescador que desconheça a picada dolorosa que eles produzem, ocasionando inflamação local, e, às vezes, febre. O tratamento para tais casos é tintura de **meriolate**. Na falta deste, é hábito entre alguns pescadores, **furar o olho do peixe e deixar o líquido viscoso cair sobre a picada**. São peixes, entretanto, ótimos para a sua alimentação.

9.3.2 PIRANHAS – Branca, preta, vermelha, ou acaju.

A piranha, peixe carnívoro, muito comum nos rios da Amazônia e do Brasil Central, é considerada o peixe mais perigoso que existe, suplantando, em agressividade, os demais. Vive em cardumes e quando se inicia a época de chuvas (de outubro a dezembro), ela se torna mais agressiva. A piranha é mais perigosa nos poços pouco movimentados de rios, nas águas paradas de lagoas, e canais pelos quais se escoam as águas das lagoas, brejos, etc., para os rios vizinhos, no interior dos quais, muitas vezes não obtêm alimentação suficiente. Nos rios e riachos de água corrente geralmente, não oferecem perigo. A mais perigosa das piranhas é a vermelha ou acaju.

Um fato, porém, ressalta à primeira vista: “Será mais fácil, você comer piranhas do que ser comido por elas; sua carne é gostosa, apesar do excesso de espinhas”.

(Fig 9g).

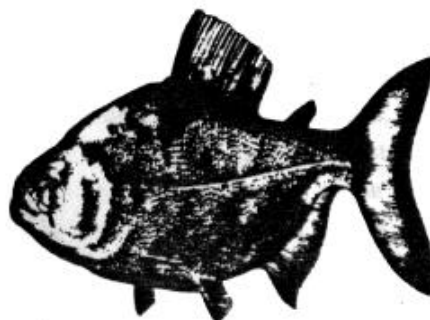


Fig 9g - Piranha

9.3.3 ARRAIAS – Arara , pintada e preta.

Arraias são peixes cartilaginosos que possuem o corpo romboidal, fortemente comprimido de cima para baixo, com a cauda ordinariamente muito delgada e sempre armada de forte ferrão, bilarpeado, com aspas retorsas, em forma de punhal, ordinariamente de cinco centímetros de comprimento, armada de dentes de um e outro lado, à maneira de serra, com pontas revoltadas com aspas de anzol, que entram com facilidade e não saem sem arrancar pedaços de carne. A ferida é de difícil cura, já pela irregularidade do corte, já porque o ferrão deixa dentro um produto viscoso que muito concorre para inflamar a chaga. Como ilustração citaremos o exemplo de certo caboclo, ferrado por uma arraia na planta do pé. Foi socorrido por um índio velho que lhe ministrou um curativo eficaz e simples: deu-lhe para mascar brotos novos de Tucumã (depois de retirar-lhe os espinhos, está visto), mandou-o engolir a saliva saturada do sumo de folhas, depois, tomando o bagaço, colocou-o na ferida, dando à vítima nova porção de folhas daquela palmeira. Uma hora depois, não havia mais dor. As arraias são encontradas mais frequentemente nos rios Amazonas, Paraguai, Araguaia, Branco, Tocantins, etc. (Fig. 9h).

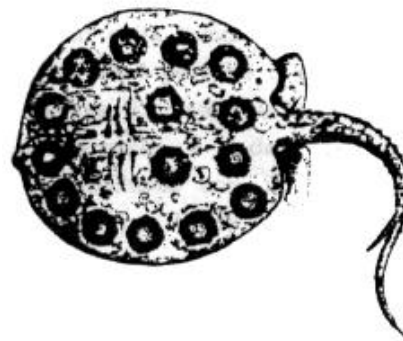


Fig 9h - Arraia

9.3.4 BAIACUS

Na vastíssima coleção de peixes fluviais amazônicos, entra um exemplo de Baiacu, freqüentemente distribuído em todos os tributários do grande rio, conquanto seja muito menor que seu irmão do mar, é-lhe em tudo semelhante e talvez até mais venenoso que aquele. O seu tamanho varia entre 10 e 15 centímetros. Tem pele flácida, cor verde-malva no dorso, é esbranquiçado na barriga e guarnecido por minúsculos acúleos; pequenas manchas escuras, em número de quatro, boca pequena, a parte inferior do ventre, além dos mencionados espinhos, é ligeiramente áspera. Quando retirados d'água, costumam inflar-se tanto a ponto de parecer com uma bola. (Fig 9i).



Fig9i - Baiacu

9.3.5 PORAQUÊ

Na região do Amazonas, Pará e Mato Grosso, ter cuidado com o Poraquê, o efeito produzido por esse peixe é igual à de uma descarga elétrica, relativamente acentuada, dependendo, naturalmente, de certos fatores, como o tamanho, intensidade, etc., com uma única diferença, que não se vê nenhuma centelha sair do seu corpo, por mais forte que seja a descarga.

No Brasil Central é conhecido, como Mussum de orelha; estes peixes são dotados de duas faixas de células gelatinosas ácidas, em forma de alvéolos de favos de mel, dispostas na parte posterior e inferior do corpo onde acumulam carga elétrica que usam para a sua defesa, de um modo voluntário; esta é sua única arma contra ataques em favor de sua subsistência.

O Poraquê é representado por dois tipos distintos: um, preto e pequeno, chamado Poraquê-pixuna; outro, parado avermelhado, chamado Poraquê-pixuna, ou piranga. (Fig 9j).



Fig 9j - Poraquê

9.3.6 CANDIRUS

Muito se tem escrito sobre a estranha particularidade de que têm esses peixinhos de penetrar, com incrível facilidade, pela uretra ou ânus das pessoas que se banham nos rios onde eles existem, principalmente nos rios da Amazônia e Pará. É voz corrente que o Candiru penetra pela uretra do homem, quando este inadvertidamente, urina dentro d'água onde eles enxameiam. Com o jato da micção, o canal se abre e eles, que acodem pelo cheiro ou por outra razão qualquer, metem-se pela fenda adentro. Mesmo não conseguindo de todo entrar, a operação para os retirar é difícil e muito dolorosa, pois, como é sabido, os seus opérculos se dilatam no interior da uretra e os pequenos espinhos que os guarnecem cravam-se na mucosa. Portanto evite tomar banhos sem calção nos rios onde você percebe a existência destes pequenos peixes. Existem dois tipos de Candirus, o de papo vermelho, e o de papo branco. O seu tipo assemelha-se com um bagrinho, 3 cm de comprimento por 1/2 de largura. (Fig. 9k).

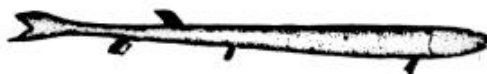


Fig 9k Candiru